

Muitos anos de vida e dinheiro no bolso

Renda das pessoas com mais de 60 anos cresceu 76% desde 1992. Idosos gastam R\$ 234,3 bilhões anuais, 10% do total do país

» ZULMIRA FURBINO
» MARINELLA CASTRO

As empresas instaladas no Brasil nunca prestaram tanta atenção nos idosos como hoje. Não é para menos. De 1992 a 2010, o total de pessoas com mais de 60 anos quase dobrou, saindo de 11,5 milhões para 21,5 milhões. Nesses 18 anos, a renda média mensal desse público saltou de R\$ 660 para R\$1.092 — um avanço de 76% ante os 62% registrados na média nacional. Atualmente, 82% dos idosos estão nas classes A, B e C e 66% deles integram o que se convencionou chamar de nova classe média. Os dados foram cruzados pelo coordenador do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Neri.

Sim, os idosos do início do século 21 têm mais dinheiro no bolso e amplo acesso ao crédito. Compram, viajam, vão ao cinema, frequentam clubes da terceira idade, ajudam a família, namoram, casam-se outra vez e têm uma saúde muito melhor do que no fim dos anos 1990. Movimentam ao ano R\$ 234,3 bilhões, mais de 10% do consumo total do país. Há exatamente 100 anos, em 1911, o brasileiro gastava 70% da sua vida trabalhando. Hoje, o tempo na labuta não chega a 50%, considerando a expectativa de vida de 74 anos segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ou seja: a situação pode não ser a ideal, mas os idosos de hoje estão com muito mais tem-

po livre para consumir. O problema é sustentar e ampliar esses ganhos para as futuras gerações.

“Pessoas acima de 60 anos foram o segmento da população que mais conseguiu conquistas nos últimos anos. Se eu precisasse contratar um grupo da sociedade brasileira para defender os meus direitos, contrataria os idosos”, brinca Marcelo Neri. Pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), entre 2003 e 2009, quando a nova classe média despontou no horizonte, a renda

média real per capita do brasileiro — descontada a inflação e o crescimento populacional — cresceu 4,7% ao ano. Enquanto isso, os aposentados que recebem o piso da Previdência Social tiveram acréscimo de 7,4% ao ano em seus rendimentos e aqueles que recebem acima do salário mínimo registraram ganho anual de 4,25%. “Nestes seis anos, a renda de aposentadoria e de pensões foi responsável por 21% do aumento do bolo dos rendimentos no Brasil.”

Mas esse crescimento não é sustentável indefinidamente, alerta o coordenador do CPS. A partir de 2024, a população brasileira em idade ativa vai começar a cair. Isso significa que haverá menos gente no mercado de trabalho e menor volume de contribuição para a Previdência. Soma-se a isso o aumento da expectativa de vida no país, hoje de 74 anos, e em 2024, de 77.

Em menos de duas décadas, a população brasileira acima de 60 anos crescerá quase 40%. A expectativa é que, em 2030, esse contingente some 30 milhões. A grande pergunta passa a ser a

Propostas

Na avaliação de especialistas, o caminho para desembaraçar o nó do envelhecimento com saúde é criar uma fórmula que ajuste tempo e idade, de modo que a população que vive mais tempo se aposente mais velha. A ideia inclui propostas polêmicas, como a soma, entre tempo de contribuição e trabalho, de 85 anos para mulheres e 95 anos para homens. Eles argumentam que artifícios assim deverão entrar em jogo porque o orçamento da Previdência hoje alimenta não só a seguridade social, mas também o Sistema Único de Saúde (SUS) e a assistência social.

sustentabilidade da Previdência, que, neste ano, tem déficit previsto de R\$ 61 bilhões. “Para que a longevidade da população se sustente, é preciso haver uma **reorganização** da Previdência”, aponta Melissa Folmamm, presidente do Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário (IBDP).

Aposentada há mais de 20 anos, Maria da Purificação Sepúlveda, 72 anos, é um ótimo exemplo da boa forma do brasileiro. Ela desempenha atividades com que não poderia sonhar durante

sua vida produtiva, quando dividia o tempo como professora e mãe de quatro filhos. Hoje, só uma coisa não mudou em sua rotina: continua não tendo tempo livre. Avó de oito netos, ela viaja pelo país e, uma vez ao ano, visita a filha na Europa. "A Alemanha é meu ponto de partida", diz.

Com uma percepção aguçada do mercado, Maria considera que, hoje, faltam serviços mais especializados para atender os idosos que vivem sozinhos, desde alimentos nos supermercados

até atendimento especializado em agências de viagens. "Com o envelhecimento da população, as pessoas vão se aposentar mais tarde", atesta. "Cada vez mais, os casais têm menos filhos, porque a mulher tem menos tempo. O governo deveria lançar programas para estimular a ampliação das famílias, assim o desequilíbrio não seria tão grande e teríamos mais contribuições para a Previdência Social." A última Pnad revela que a média nacional é de 1,8 filho por família.

Marcos Vieira/EM/D.A Press



Em ótima forma, Maria Sepúlveda, 72 anos, considera que ainda faltam serviços especializados para o segmento

A força do mínimo

Um batalhão de 14 milhões de idosos entrou na nova classe média brasileira entre 2003 e 2010. Eles têm rendimento familiar de R\$ 1.126 a R\$ 4.854, segundo a Fundação Getulio Vargas (FGV), e movimentaram R\$ 128 bilhões no ano passado. Parte importante desse contingente populacional é formada por aposentados e pensionistas beneficiados pelo reajuste do salário mínimo, que teve aumento real de 54,25% entre 2003 e 2011. Sua renda, reforçada pelo acesso ao crédito, passou a ser fundamental para compor os ganhos das famílias dos consumidores emergentes.

Com mais dinheiro no bolso do que no passado, esse grupo não precisa se preocupar com o desemprego. Os aposentados que recebem o piso da Previdência contam com garantias constitucionais de que sua renda não vai cair. Além disso, o

Congresso acaba de aprovar uma lei que repete, a partir de 2012, a fórmula para reajuste do salário mínimo pela reposição da inflação mais o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). A aposentadoria de Antônio Beletable, 63 anos, é de R\$ 1,8 mil. "A minha vida como idoso é melhor e mais fácil do que a dos meus pais", afirma.

Segundo Marlon Simões, coordenador de um curso para 500 alunos maiores de 60 anos, os mais velhos têm grande potencial econômico e gastam sobretudo com saúde, lazer, cultura e viagens. "Hoje, já se fala em quarta idade, que são os maiores de 80 anos", explica. Ângela Cândido, de 68 anos, e o marido gastam o dinheiro conhecendo o mundo, parcelando as despesas em "suaves prestações mensais". No ano passado, fizeram três cruzeiros, um deles para a Grécia. Apesar de criticar a perda de poder de compra da sua aposentadoria em relação ao ganho real do salário mínimo, ela admite: "Tenho uma boa qualidade de vida". (MC e ZF)



"A minha vida como idoso é melhor e mais fácil do que a dos meus pais", diz o aposentado Antônio Beletable, 63 anos